



Infraestrutura: panorama do setor e tendências no Brasil

Estudo da KPMG aponta que temos muita deficiência a corrigir, mas isso não nos impede de olhar para o futuro e planejar investimentos inteligentes e assertivos

Por **Leonardo Giusti**, sócio-líder de Infraestrutura, Governo e Saúde da KPMG no Brasil

A disponibilidade e o estoque de infraestrutura são essenciais ao crescimento econômico de um país. O estudo **Panorama do Setor e Tendências em Infraestrutura no Brasil**, da KPMG, destaca que o Brasil precisa de muito investimento na área (cerca de R\$ 284,4 bilhões por ano, de 2021 a 2031, para solucionar gargalos, principalmente nos setores de transportes e logística e saneamento) e aponta que a falta de investimentos na última década, as obras inacabadas e outros fatores desencadearam uma necessidade emergencial na agenda de privatizações.

O estudo também ressalta a importância do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) para ampliar e fortalecer a interação entre Estado e iniciativa privada, com vistas a agilizar a implementação de obras de infraestrutura oportunas e de qualidade.

A retomada de investimentos em Infraestrutura está diretamente relacionada ao crescimento e desenvolvimento do País: um incremento de investimento em infraestrutura da ordem de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) dos países





Leonardo Giusti

poderia fortalecer a confiança na recuperação e impulsionar o PIB em 2,7%, o investimento privado em 10% e o emprego em 1,2%.

Neste artigo, discutiremos principalmente as tendências levantadas pelo estudo, que considerou as áreas de portos, aeroportos, rodovias, ferrovias e mobilidade urbana em seu sentido mais amplo.

Regulação e governança como oportunidades

Uma dessas tendências diz respeito à Regulação, essencial em infraestrutura, que consome grandes volumes de investimentos e costuma ter contratos de longo prazo. Para melhor preservar os interesses de todas as partes envolvidas – do contribuinte ao investidor, do futuro usuário ao Poder Público –, os sistemas regulatórios bem projetados são poderosos motores da inovação e do desenvolvimento da infraestrutura.

Porém, a regulamentação frequentemente se baseia em desafios históricos. É retroativa. E, em vez de ajudar a gerenciar os riscos de novas tecnologias ou novos modelos e abordagens, a regulamentação tende a ser focada em assegurar que os riscos antigos sejam atenuados.

Para o futuro, espera-se que governos, reguladores e empresas adotem a governança como oportunidade para garantir que projetos e programas sejam planejados, entregues e gerenciados adequadamente para atender às demandas da sociedade. O estudo ainda destaca que, a curto prazo, reguladores e órgãos de governança poderão assumir um papel central, com o objetivo de incrementar valor, tanto na forma como a infraestrutura é entregue quanto na maneira como é gerida.

Desbloquear a cadeia de valor

A fragilidade das cadeias de suprimentos evidenciou-se durante a pandemia e impactou duplamente o setor de infraestrutura. Em primeiro lugar porque os próprios agentes de infraestrutura estão lidando com a escassez de suprimentos (materiais, talentos, capacidades, equipamentos); em segundo lugar, há a resposta ao aumento do risco da cadeia de suprimentos.

Ou seja: uma vez exposta essa fragilidade, criou-se uma tendência de investimento em grandes centros de distribuição, especialmente no entorno das grandes cidades.

É importante ter em perspectiva que a baixa oferta de infraestrutura prejudica o ritmo do

desenvolvimento, impacta preços e causa uma avalanche de efeitos nocivos para a sociedade e a economia.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar que as cadeias de suprimentos de infraestrutura são profundamente influenciadas por tendências macroeconômicas. Para o futuro imediato – por exemplo, daqui a um ano –, a tendência é que as restrições de oferta que atualmente afetam a economia mundial sejam abrandadas.

Crescente digitalização

A pandemia impôs as novas tecnologias e impulsionou a migração do físico para o digital. Neste cenário, muitos agentes de infraestrutura renovaram seus esforços para a digitalização. Análise de dados e tecnologias emergentes estão aperfeiçoando o ciclo de planejamento e o digital tem se incorporado ao desenvolvimento de novos ativos e serviços.

Grandes empresas de infraestrutura estão explorando oportunidades para coletar e gerenciar dados em vários ativos e nas suas cadeias de suprimentos para criar ainda mais valor. Aplicativos de navegação, por exemplo, fornecem uma visão total e multimodal do sistema viário e sobre as opções para a viagem dos usuários. O uso desses dados tem tudo para municiar os gestores de tráfego urbano e de operações, no sentido de melhorar o tráfego e a mobilidade urbanos.

Se, por um lado, há uma “corrida” rumo à digitalização, também é fato que muitas pessoas não conseguem se inserir plenamente nessa nova realidade. É relevante que os provedores de infraestrutura sejam sensíveis às necessidades desses usuários e encontrem maneiras de assegurar sua efetiva inclusão digital.





Também é fato que ataques cibernéticos e problemas em massa acarretados por falha em sistemas ou em segurança digital trouxeram novos desafios para as empresas, que precisam desenvolver uma visão holística e de longo prazo a respeito do digital.

Sustentabilidade

Governos e gestores de infraestrutura buscam entender quais são as tendências que “vieram para ficar” e aquelas que serão breves; essa avaliação e as decisões que dela vão derivar impactarão diretamente as nossas formas de viver, trabalhar e até de nos relacionar pelos próximos anos, talvez décadas. E determinará a face das cidades pelos próximos 100 anos, pelo menos.

Se antes da pandemia parecia razoável pensar que o ideal seria investir nos núcleos urbanos já

estabelecidos, criando, por exemplo, opções de moradia mais centrais, de modo a permitir que as pessoas gastassem menos tempo se deslocando rumo ao trabalho, a ampliação do trabalho digital mostrou que outras soluções podem ser interessantes. Longe dos grandes centros, mas conectadas por meio da Internet rápida, muitas pessoas conseguem ter atuação profissional eficaz e ganho de qualidade de vida.

O futuro provavelmente será fruto da convivência entre as diferentes tendências. É fundamental entender como desenvolver ativos que sirvam a ambos os caminhos e fazer isso ao mesmo tempo em que as grandes questões, como acessibilidade de moradia, sustentabilidade ambiental e planejamento de desenvolvimento, são abordadas.

No próximo ano, gestores de cidades e formuladores de políticas deverão voltar suas atenções sobre os

anseios da população nesses temas (morar, trabalhar, se divertir). Por ora, não há expectativas de que sejam realizadas mudanças radicais nas opções de investimentos, mas já haverá um maior direcionamento para ativos que apoiam estilos de vida diferentes.

Em resumo, o mundo mudou nos últimos anos. Oportunidades se abrem e podem suplantam os desafios. Para um país como o Brasil, que tanto carece de infraestrutura em diversas áreas, o momento pode ser oportuno para traçar planejamentos que nos alinhem a esse mundo novo, digital, sustentável e menos dependente de atores externos para o seu adequado funcionamento. ■



<https://home.kpmg/br/pt/home/industrias/infraestrutura.html>